



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

LAZARETO, FORTALEZA E PRISÃO: ARQUEOLOGIA DO PRESÍDIO DA TRAFARIA (ALMADA)

Fabián Cuesta-Gómez¹, Catarina Tente², Sérgio Rosa³, André Teixeira⁴, Francisca Alves Cardoso⁵, Sílvia Casimiro⁶

RESUMO

As sondagens de diagnóstico efetuadas no âmbito do projeto de instalação do Instituto das Artes e Tecnologia (Universidade NOVA de Lisboa) no Presídio da Trafaria revelaram novos dados para a interpretação da história deste local. À primitiva área de quarentena definida no século XVI foram sendo acrescentadas novas funções de carácter comercial, religioso, militar, fiscal e prisional, até à profunda remodelação do espaço já no século XX, que implicou a construção das instalações do Presídio atualmente existente. Os vestígios desta evolução histórica foram revelados no decurso dos trabalhos arqueológicos. A intervenção efetuada reforça a importância de compreender os espaços urbanos e a sua evolução histórica e arquitetónica, de modo a desenhar e adaptar os projetos de reabilitação.

Palavras-chave: Idade Moderna; Trafaria (Almada); Arqueologia preventiva; Reabilitação urbana e património; Arquitetura militar.

ABSTRACT

The archaeological evaluation by test-pitting carried out as part of the project for the construction of the Institute of Arts and Technology (NOVA University Lisbon) at the Prison of Trafaria revealed new data for the interpretation of the history of this place. The primitive quarantine area defined in the 16th century added new commercial, religious, military, fiscal, and prison facilities, until the deep remodelling of the space which implied the construction, already in the 20th century, of the existing Prison. A varied history which is revealed in the remains and in the material culture documented during these works. This intervention reinforces the importance of understanding urban spaces and their historical and architectural evolution to design and adapt development projects.

Keywords: Modern period; Trafaria (Almada); Rescue archaeology; Heritage & urban development; Military architecture.

1. Instituto de Estudos Medievais (IEM) – NOVA FCSH / fabiancuesta@fcsh.unl.pt

2. Instituto de Estudos Medievais (IEM) – NOVA FCSH / catarina.tente@fcsh.unl.pt

3. Câmara Municipal de Almada / srosa@cma.m-almada.pt

4. Centro de Humanidades (CHAM) – NOVA FCSH / andreteixeira@fcsh.unl.pt

5. Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana (LABOH) – CRIA, NOVA FCSH; Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IN2PAST) / francicard@fcsh.unl.pt

6. Instituto de Estudos Medievais (IEM) — NOVA FCSH; Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana (LABOH) – CRIA, NOVA FCSH; smcasimiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de instalação de um equipamento da Universidade Nova de Lisboa, então denominado Instituto das Artes e Tecnologia (IAT), resultante da parceria estabelecida entre esta academia e o município de Almada, visava reabilitar as instalações do antigo Presídio Militar da Trafaria e a sua adaptação a fins de investigação e ensino. A instalação prevista dos diversos espaços do novo Instituto (salas de aula/trabalho, gabinetes e escritórios administrativos, espaços logísticos e sanitários, etc.) implicava a recuperação integral dos denominados Edifícios #4A e B, #5 e #6 (Figura 1.3). Também estavam contempladas intervenções, essencialmente de carácter reabilitador nas fundações dos vários edifícios e no muro perimetral, e para a instalação de infraestruturas, tanto nos *corredores* agora existentes como no jardim central do recinto. O marcante “edifício das celas” (#4-bloco sul), na zona meridional do pátio, ficaria fora desta intervenção. Dado o impacto do projeto neste local histórico, foi requerida a execução de sondagens arqueológicas de diagnóstico em Fase Prévia para o melhor conhecimento do espaço e a adequação do Projeto de Execução face às possíveis evidências patrimoniais conservadas. Os trabalhos foram realizados por uma equipa da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da mesma universidade.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO LAZARETO DA TRAFARIA: DO SÉCULO XVI AO XX

A situação da Trafaria na margem sul do rio Tejo, em frente a Lisboa, tem um interesse histórico em si mesmo e pela sua relação com a capital. A história do local onde atualmente se encontra o Presídio (CMP, folha 431; IPA.00032962) – no extremo nordeste da vila de Trafaria (União das Freguesias de Caparica e Trafaria, Almada) e paralelo à linha da costa, junto ao rio que o limita fisicamente a Norte –, pode dividir-se em quatro grandes etapas, de acordo com os usos e acontecimentos consignados através de documentação, a cartografia e – desde finais do XIX – a fotografia históricas e, agora, a arqueologia (Figuras 1.1 e 1.2).

2.1. Fase 1: século XVI, espaço de quarentena / lazareto

Desde o primeiro terço do século XV existe registo documental da preocupação de que o crescente trá-

fego marítimo no porto de Lisboa supusesse a entrada e difusão de doenças contagiosas na cidade e, desde aí, no Reino. As principais medidas adotadas foram a inspeção dos navios sob suspeita de doença a bordo e a subsequente quarentena obrigatória para tripulações e mercadorias e, eventualmente, a proibição de atraque na cidade. Estas medidas foram-se articulando com outras formas de controlo ao longo das décadas seguintes, destinando-se oficiais de saúde e espaços próprios para a quarentena das embarcações na área do Montijo e, posteriormente, tanto em Belém como na Trafaria (Alberto & Serafim, 2021, pp. 615-616). Um decreto do cardeal D. Henrique enviado ao Senado de Lisboa em agosto de 1565 ordenava a construção de «uma casa do tamanho que vos parecer necessário» [«com seu rocio»; Oliveira, 1899, p. 570] no sítio da Trafaria, permitindo assim que as tripulações e as fazendas procedentes de portos com suspeita de peste (ou que tiveram feito escala neles) pudessem «ser postos em degredo (...) e assoalhar o tempo que for necessário» antes de desembarcar com segurança na capital (Alberto & Serafim, 2021, p. 618; Abreu, 2018; Leal, 2014, pp. 8 e 142-143). Esse decreto de D. Henrique é a primeira menção às instalações de assistência que, ao longo de mais de 250 anos, se irão suceder na mesma área do litoral trafariense. Não está claro se, nesta altura, o areal da Trafaria já teria população estável. As escassas referências prévias só aludem à Trafaria como espaço geográfico vinculado a Murfacém e Caparica. Até bem entrado o século XVIII, a escassa população da localidade esteve principalmente ligada aos serviços económicos de provisão do lazareto e do forte ali edificadas; à atividade agrícola no entorno de Murfacém; e, fundamentalmente, à pesca, tanto a captura como o transporte para Lisboa e Almada (Leal, 2014, pp. 60-67).

2.2. Fase 2: séculos XVII-XVIII, ermida, forte, armazéns, casa de saúde, prisão

Esta é, sem dúvida, a etapa mais complexa e ativa no local, com numerosas construções e reformas de vários edifícios e espaços de função teoricamente definida mas que, perante as necessidades, foram habitualmente partilhadas ou destinadas a outros usos. Assim, na área à volta do lazareto (ou *impedimento*) do século XVI construíram-se uma ermida (consagrada posteriormente como de N.^a S.^a da Saúde), um forte e, ao longo do século XVIII, vários edifícios

anexos e articulados entre si, vinculados às atividades económicas, sanitárias e político-militares desenvolvidas no local (Figura 2.1).

O crescimento populacional na zona ribeirinha, a necessidade de atender aos agentes vinculados ao *logar de desimpedimento* e àqueles que aqui faziam quarentena forçada, bem como dar oportuna sepultura a quem morria, fizeram com que o provedor-mor de saúde considerasse conveniente construir um espaço religioso, obra iniciada em 1678. Segundo Leal (2014, pp. 46-47), a ermida foi reformada já em 1725 e, como consequência dos danos do sismo de 1755, em 1785. Nas fotografias de finais do século XIX e inícios do XX ainda é possível observar a estrutura exterior da pequena ermida – pelo menos após a sua última reparação de 1830-1831 –, com orientação canónica, nave central, telhado de duas águas e duas pequenas torres sineiras laterais na fachada (Figura 2.3). No inquérito da Comissão dos Monumentos Nacionais (1896; PT/ANBA/ANBA/B/001/00016) indica-se a ruína da ermida, na qual «parte das sepulturas da capella estão violadas, havendo ossadas (...) recolhidas n'um recanto», mas também de uma série de painéis de azulejos “estilo D. João V” (com cenas figurativas, principalmente bíblicas) que, «não sendo de considerável valor, têm merecimento artístico e histórico»⁷. Este foi um local designado para os enterramentos da população a partir de 1732 e, ainda que estes tenham continuado provavelmente até 1829, a ermida terá perdido a sua função após o traslado do lazareto para Porto Brandão, em 1815 (*vid. infra*). Os enterramentos efetuavam-se no interior da ermida e no cemitério a noroeste (Reis, Roupá & Cruz, 2013, p. 17), um espaço murado, de planta quadrangular, junto à praia (atualmente imediatamente a sul da estação fluvial) (Figura 2.1), sem que se possa descartar a possibilidade de utilização de outros espaços intermédios em épocas de crise de mortandade.

A construção de um forte na Trafaria foi considerada necessária já desde a segunda metade do século XVI (F. de Hollanda, 1571 [1879], pp. 7 e 8; e PT/TT/MMCG/7D/000018), mas a obra só se veio a efetivar nos inícios da década de 1680. A sua posição reforçou o sistema de defesa da entrada marítima na cidade de Lisboa, conjugando-se na margem sul do Tejo com os fortes de São Lourenço (Torre do

Bugio), de S. Sebastião (Torre Velha da Caparica, no Porto Brandão) e com o próprio castelo/forte de Almada, além de várias baterias na vasta faixa do areal da Golada (Santos, 2014, pp. 53-54). A sua importância residia mais na proteção da praia ante um possível desembarque inimigo que pudesse fazer da Trafaria uma posição para o ataque a Lisboa ou a Almada, que no seu apetrechamento como bastião artilhado, cuja eficácia histórica parece ter sido escassa (Leal, 2014, pp. 94-95). A configuração do forte era bastante simples: de planta poligonal, acesso único no canto SO e com umas dimensões máximas aproximadas de 65*30 m nos seus eixos E-O e N-S. O muro norte, onde se situaria a plataforma da bateria de artilharia, articulava-se organicamente com o litoral, enquanto os muros ocidental e meridional eram de traçado reto, e o muro oriental foi levantado paralelo à base da arriba de Murfacém, servindo de parede de fundo aos edifícios do forte: paiol, quartel dos soldados da guarnição e a “Casa do Governador com refeitório” (Figuras 1.3 e 2.2).

Desde muito cedo na história do lazareto da Trafaria – e praticamente até o fim de seu uso como estância provisória para gentes com doenças suspeitas, armazém e fiscalização de fazendas e presídio temporário para os desterrados –, as queixas pela falta de espaço e o mau estado das instalações foram constantes. A primeira grande reforma, com desenho do sargento-mor engenheiro Manuel do Couto, foi iniciada em 1711-1714, facilitando a estruturação do espaço e integrando as novas construções com a ermida e o forte já existentes. Em 1720 foi dada ordem para murar o lazareto, não sem considerar antes se era possível a sua deslocação – precisamente pelas deficientes condições do local – «mais para baixo da Trafaria, para a parte da *Cabeça*» (Oliveira, 1901, p. 432), possibilidade de novo avaliada (e descartada) em 1800 e 1831. Foram feitas novas obras a cargo do engenheiro Carlos Mardel em 1743-1744, tanto no muro exterior como nos edifícios já existentes, e foi construída uma nova enfermaria. O sismo de 1 de novembro de 1755 – e o maremoto dele derivado – terão causado danos graves nos edifícios do forte e, sobretudo, do lazareto, porque num aviso de fevereiro de 1756 ordenou-se que continuassem a ser depositadas as mercadorias no armazém do lazareto, apesar deste se encontrar em ruína, estando também desmoronado o do forte pela mesma causa. Este não tinha sido reparado ainda «por ser preciso recolherem-se

7. Notícia «A capella da Trafaria», no *Jornal O Século*, 8 de maio de 1896.

as levas que vierem das províncias para o estado da Índia, e não haver cadeias» (Oliveira, 1908, p. 207). Não é claro quando se iniciou esta utilização do forte/lazareto como cadeia – teoricamente temporária até aparecer um barco com destino ao além-mar – (talvez em 1751?, *vid.* Leal, 2014, p. 88), mas em 1753 já existe um *Aviso* sobre a construção «de um cano no forte para maior comodidade dos presos que aí se encontram»⁸, pelo que as medidas aparentemente *excepcionais* posteriores ao terremoto, nas quais era solicitado utilizar as instalações do forte/lazareto como espaço de acolhimento para os presos condenados ao degredo, já deviam ter antecedentes.

2.3. Fase 3: século XIX, abandono e reutilizações variadas dos espaços

Foi Francisco Saverio (Xavier) Fabri – Arquiteto das Obras Públicas – quem, em 1811, projetou o novo lazareto na Torre Velha de S. Sebastião de Caparica (Porto Brandão), seguindo o modelo arquitetónico de distribuição radial de quartos e instalações em pavilhões. Por Portaria de 22 de outubro de 1815 foi registada a transferência do lazareto da Trafaria para esta nova instalação, mas esta só se efetivou em 1820. Este facto acarretou o abandono oficial de quase todos os edifícios do local, tanto civis como militares. Nos finais desta década houve uma breve reocupação do complexo, no contexto das Guerras Liberais, recuperando o forte as funções militares em 1829, o lazareto a prisão um ano mais tarde e, no ano seguinte, a ermida esteve de novo pronta para os ofícios religiosos (Leal, 2014, pp. 91-92). Após o final da Guerra Civil portuguesa, e ao longo das décadas seguintes, a maior parte dos espaços foram utilizados – sem estrita continuidade, nem particular sucesso – em diferentes atividades: fábrica de fertilizantes (guano de peixe), pescarias (secadouro de peixe), viveiros para a plantação das Matas das Dunas da Trafaria e Costa da Caparica... mas também como sala de espetáculos ou armazém das Galeotas Reais, além de existir um pequeno posto de saúde e um posto de fiscalização da Alfândega Grande de Lisboa, em funcionamento até finais do século, único testemunho da sua função nas centúrias precedentes (Leal, 2014, pp. 98 e ss.).

8. AML-AH, Chancelaria Régia, *Livro 4º de Consultas, decretos e avisos de D. José I*, f. 8 a 9v.

2.4. Fase 4: século XX, presídio militar

A ideia de recuperar o forte de época moderna como parte das instalações militares da Marinha no setor sul do *Campo Entrincheirado de Lisboa* arrancou em 1901. Não obstante, este plano foi substituído por um projeto muito mais ambicioso: a construção de um Presídio, cuja obra foi executada entre 1908 e 1910. Foram desmontados praticamente todos os edifícios, tanto do forte como do lazareto, reaproveitando-se os materiais para a construção das novas instalações e para aterros que permitiram subir e terraplanar a cota do nível de uso do recinto, construindo-se de raiz as novas instalações do que será o Presídio Naval / Casa de Reclusão da Trafaria (Coelho, 2020). Só se mantiveram de pé, ainda que também com afetações, parte do muro perimetral, provavelmente a estrutura do denominado Edifício #4A e o pátio central, preservado como espaço aberto. Surgiu assim um edificado mais ortogonal e organizado (a nova capela, por exemplo, adquiriu uma orientação N-S para se alinhar com a nova ordem arquitetónica), com uma diferenciação clara dos espaços prisionais, sociais e administrativos correspondentes aos presos e aos militares encarregados da guarda carcerária. Este estabelecimento prisional esteve num primeiro momento adstrito à Marinha, passando posteriormente para o Exército, sendo usado como espaço de reclusão não só para militares, mas também – em diferentes etapas – para condenados por delitos comuns e, fundamentalmente, opositores e condenados por *crimes políticos* durante o Estado Novo, incluindo os envolvidos no *Golpe das Caldas* (março de 1974). Ao longo do século XX houve algumas modificações nos espaços originais, tanto no interior como no exterior do recinto, muitas delas efetuadas já na segunda metade do século. Destaquem-se as seguintes: construção do caminho de ronda e das guaritas (anos 70); a demolição das instalações sanitárias e do parlatório no tardo do “edifício das celas” (Edifício #4-bloco sul); a desativação da cisterna a poente deste; a construção do Edifício #3 (reaproveitando um edifício pré-existente para instalações elétricas); o desenho do jardim no pátio principal; a (re)pavimentação com calçada em diferentes zonas do complexo; a construção do pequeno edifício auxiliar na zona a sul da entrada ao recinto e do telheiro junto ao muro de contenção oriental; e a instalação de novas infraestruturas, tanto de águas como de eletricidade nas últimas décadas, algumas delas sem uso específico para o Presídio mas sim para o aglomerado

urbano da Trafaria, como por exemplo a galeria de betão paralela ao muro oeste do recinto, que canaliza as águas pluviais (Figura 5). O Presídio foi desativado definitivamente como recinto penitenciário militar em 1981, passando a sua propriedade para a Câmara de Almada em 2000.

3. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS

O objetivo principal dos trabalhos arqueológicos foi documentar a sucessão estratigráfica existente em diferentes pontos do recinto do Presídio da Trafaria⁹, bem como averiguar o possível impacto do projeto de reabilitação dos edifícios e de instalação de infraestruturas em vestígios arqueológicos preservados no subsolo. Os resultados obtidos iriam, deste modo, determinar a eventual necessidade de proceder a trabalhos de escavação arqueológica adicionais e/ou de adequar o Projeto de Execução às realidades patrimoniais detetadas.

Assim, as sondagens S.1 a S.6 programadas inicialmente visaram áreas críticas do recinto do Presídio, estimadas a partir da documentação e cartografia histórica conhecidas. As sondagens S.1, S.2 e S.6 localizaram-se no corredor Este, entre os Edifícios #4B e #6; a S.3 em frente da atual capela, e as sondagens S.4 e S.5 à volta do chamado “edifício das celas”. Após os resultados obtidos nesta primeira etapa (janeiro-fevereiro, 2022), e em articulação com a Tutela, foi considerado necessário realizar uma segunda série de 6 sondagens (S.6A a S.11; maio-junho, 2022). Com o intuito de complementar a informação conseguida nas sondagens S.2 e S.6, foram escavadas as áreas adjacentes (sondagens S.8 e S.6A, respetivamente); e para avaliar a viabilidade dos traçados previstos para novas infraestruturas nas áreas central (entrada/jardim) e setentrional (corredor Norte) do recinto foram executadas as sondagens S.7, S.9, S.10 e S.11. No decurso dos três meses de trabalho de campo foram realizadas, portanto, um total de 12 sondagens arqueológicas de diagnóstico no subsolo,

com uma superfície total escavada de 124 m², assim como uma sondagem parietal no tramo de muro junto ao rio (SP1) (Figura 1.3).

Todos os trabalhos de escavação foram executados manualmente até à cota de afetação prevista no Projeto preliminar ou até atingir o substrato geológico rochoso na área delimitada (profundidades variáveis, entre *ca.* 0.90 e 1.60 m). A estratigrafia do local está condicionada por dois aspetos fundamentais: por um lado, a própria configuração topográfica do espaço, quase todo ele entre apenas 3 e 5 metros acima do nível do rio, e geológica, que responde a uma unidade base M_{III} (não atingida) datada do Miocénico, designada por *calcários de Entrecampos/Banco Real* composta por biocalcarenitos castanhos amarelados, muito fossilíferos – em transgressão, na zona da Trafaria, para as *argilas de Forno de Tijolo* (M_{IVA}) –, e coberta por *areias de dunas* praticamente em toda a zona, dando lugar a aplanagem litoral que decorre junto a costa para oeste, já livre de arribas (Pais & alii, 2006; Freitas, coord., 2011, pp. 64 e ss.). Essas areias, com ocasionais camadas alternas de siltes e/ou argilas cinzentas-esverdeadas, constituem o solo típico no local de intervenção por de baixo dos níveis de aterro que servem de base ao pavimento de calçada presente em todos os arruamentos do Presídio, como evidenciam as sondagens S.1 e S.7, sendo que nesta se observa também o afloramento de uma plataforma de calcarenito amarelo, habitual nas zonas mais próximas à arriba (Figura 3.2). Por outro lado, devemos destacar as profundas alterações no espaço como consequência das obras de construção do Presídio, especialmente em relação aos aterros, fundações dos diferentes edifícios e instalações de infraestruturas (abertura de numerosas valas para esgotos, condutas e eletricidade), algumas destas últimas já realizadas após o abandono do Presídio. A identificação de remanescentes biológicos humanos, isto é, elementos ósseos em deposições secundárias, nas sondagens S.3 e S.9 (que correspondem a espaços interiores e exteriores da ermida de época moderna), exigiu a participação da equipa de bio-antropologia designada no *Plano de Trabalhos* específico (PTA) para a adequada salvaguarda e registo dos contextos reconhecidos. Os remanescentes biológicos humanos recolhidos foram transportados para o LABOH-CRIA (NOVA FCSH), onde decorre o seu estudo, nomeadamente a avaliação do perfil biológico e

9. Durante os trabalhos integraram a equipa técnica de campo – em diferentes momentos – os arqueólogos Inês Belém, Beatriz Calapez, Margarida Silva, Jorge Branco, Daniel Sardinha, João Coelho, João Cosme, dirigidos pelo arqueólogo responsável Fabián Cuesta-Gómez, sendo a coordenação dos trabalhos arqueológicos, bio-antropológicos e a gestão do projeto realizada pelos signatários do presente trabalho.

patológico, e análise tafonómica¹⁰. Esta última é um contributo essencial para a compreensão das perturbações pós-deposicionais. Já o espólio arqueológico recuperado durante os trabalhos de campo foi depositado provisoriamente nas Reservas Arqueológicas da Câmara Municipal de Almada, onde se encontra em processo de inventariação e classificação.

4. PRINCIPAIS RESULTADOS

Nas seguintes páginas realizaremos uma análise sumária dos resultados obtidos nos trabalhos arqueológicos. Dada a sua complexidade e extensão, o objetivo neste apartado é apresentar uma leitura preliminar dos contextos identificados, relacionando-os com as diferentes etapas históricas do local. Para facilitar a compreensão dos espaços e das intervenções, propomos dividir a análise dos resultados de acordo com as grandes áreas que estruturavam o complexo edificado da Trafaria.

Assim, para o espaço do forte construído em 1683 foram efetuadas as sondagens S.1 e S.7 na área que corresponderia ao espaço interior. A primeira das sondagens não revelou contextos arqueológicos preservados, mas sim uma potente sucessão de areias de média compactidade, testemunho da frente ribeirinha pré-existente aquando do levantamento do muro norte do forte (Figura 3.1). Os materiais recolhidos correspondem ao quotidiano de época moderna, com fragmentos cerâmicos de diversas cronologias, malacofauna e vários objetos em ferro (pregos, cavilhas, pernos, etc.), muito erodidos e corroídos pela humidade do contexto sedimentar. Na sondagem S.7 foram identificadas duas fases de utilização do espaço. À primeira fase corresponderiam uma adaptação intencional (corte) – em sentido NO-SE – do maciço de biocalcarenitos que aqui emerge e uma estrutura murária adossada perpendicularmente a ele, efetuada em alvenaria em pedra (blocos de calcarenito amarelo) e argamassa de cal e areia (Figura 3.2). Pela sua localização, estes dois elementos – e talvez um outro muro, com traçado E-O, que só pôde

ser parcialmente escavado no corte norte – fariam parte das fundações dos edifícios de uso militar no interior do forte (a Casa do Governador ou, menos provavelmente, o paiol), de época moderna. Uma segunda fase corresponde à destruição dos mencionados muros, à construção de um pavimento argamassado em betão e de três linhas de canalização de água, executados em diferentes momentos posteriores à construção do Presídio (1908-1910).

As sondagens S.6/6A e S.11, efetuadas nos corredores Este e Norte respetivamente, permitiram a localização – tomando como referência a planta de Folque de 1821 (Figura 2.1) – dos embasamentos preservados dos muros meridional e ocidental do forte. As características construtivas são muito similares: alvenaria irregular de blocos de calcário e biocalcarenitos, de tamanho médio e grande, e argamassa de cal e areia, muito concrecionada por causa da humidade. Não obstante, destacam-se as diferentes dimensões de cada um dos muros. O do fecho sul (S.6/6A) tem uma largura máxima de 115 cm e uma altura conservada de *ca.* 85 cm, apresentando dois negativos côncavos no topo, efetuados após o desmonte e aquando da instalação de uma canalização central em grés e de dois tubos de ferro para distribuição de água (tubagem também registada nas sondagens S.1, S.2 e S.8) (Figura 3.3). Já o muro delimitado na S.11, foi documentado a *ca.* 20-25 cm de profundidade, apresenta traçado em sentido N-S, uma altura conservada (na sua face externa) superior aos 130 cm (não foi atingida a base do mesmo) e uma largura de *ca.* 4 metros (Figura 3.4). A explicação para esta marcada diferença entre as estruturas justifica-se, provavelmente, pelas necessidades de defesa, sendo que esta parte ocidental da cortina do forte seria mais sensível não só à eventual ação militar por via marítima (tanto da artilharia naval como de um possível assalto à praia) como à própria ação erosiva das marés no Tejo.

No espaço vinculado ao lazareto e seus edifícios (ermida, enfermaria, armazéns, etc.), a sul do forte, foram efetuadas um total de cinco sondagens: duas em frente da fachada do Edifício #4A (S.2 e S.8), duas na área entre a entrada e a atual capela do Presídio (S.3 e S.9), e uma no jardim central, que articula os acessos às diferentes instalações. Nesta última (S.10), a sequência estratigráfica mostrou uma boa preservação, apenas afetada pela existência de uma vala com quase 150 cm de profundidade no canto SE e as alterações provocadas pelas raízes de uma árvore-da-

10. O estudo detalhado dos remanescentes humanos está a ser desenvolvido por parte de Henry Davies e Lydia Narramore (Universidade de Cranfield, Reino Unido) no âmbito dos seus Projetos Finais de Mestrado em Antropologia e Arqueologia Forense, sob a orientação de Nivien Speith e Francisca Alves Cardoso, abordando o estudo do perfil demográfico e a reassociação de elementos ósseos humanos, e as questões tafonómicas, respetivamente.

-borracha próxima. Após a remoção do piso de betão e a camada de nivelamento com terras e descartes de talhe de paralelos de calçada existentes nos níveis superiores, foram documentadas sucessivamente três fases bem diferenciadas. Pelas fontes gráficas e documentais consultadas, sabíamos da inexistência de edificado nesta área pelo menos desde finais do século XVIII e, ainda que efetivamente não tenham sido identificadas estruturas murárias, foram documentados dois pavimentos argamassados, com níveis de aterro intermédios que, após uma revisão preliminar dos materiais cerâmicos associados, se corresponderiam respetivamente a níveis de uso de época contemporânea (segunda metade do século XIX e inícios do XX) e de época moderna (século XVIII e inícios do XIX). Num estrato inferior a este último pavimento, e só parcialmente localizado junto ao corte norte, foi identificado um alinhamento de pequenos blocos de calcarenitos amarelos, com orientação SO-NE, ao longo de *ca.* 80 cm (Figura 7.1). É difícil estabelecer uma interpretação segura com tão escassa materialidade, mas a sua disposição alinhada e a ausência de argamassa leva-nos a considerar que poderia corresponder à base perimetral de uma estrutura de habitação tipo cabana, construída em materiais perecíveis, e que, cronologicamente, poderia datar-se na primeira etapa de utilização desta área do lazareto. No estrato associado foram encontrados escassos materiais cerâmicos, um peso de rede e vários fragmentos de cachimbo de caulino. As sondagens S.3 e S.9 tinham o objetivo principal de comprovar o estado de preservação de eventuais níveis correspondentes à ermida de época moderna, aqui situada na cartografia histórica (Figura 2.1). A sua presença foi confirmada (na S.3) após a remoção do piso de calçada e de camadas de nivelamento, logo aos 15-20 cm de profundidade, tratando-se de um edifício de planta retangular e umas dimensões interiores relativamente pequenas, com aproximadamente 12 m de comprimento e 5 m de largura. A zona oeste da sondagem corresponderia à fachada da ermida e a sua porta de acesso, virada originalmente para o exterior do espaço do lazareto, documentando-se um potente nível de enrocamento (entre 65 e 75 cm de altura) com recurso a blocos de calcarenito, que serviria de alicerce para esta fachada. No interior, um nível térreo de pedra miúda e argamassa de cal muito fina e compacta, com 7-10 cm de potência, serviria de base para a colocação de um pavimento de lajes de forma retangular e tamanho

variado. No tramo central da nave única do edifício foi documentada uma sucessão de até três pavimentos argamassados que cobriam uma quádrupla compartimentação delimitada por estreitos muros (entre 18 e 28 cm de largura) de alvenaria de tijolo e argamassa, em sentido longitudinal. Devem corresponder a uma segunda fase de uso deste espaço, sendo que a primeira seria um soalho que cobriria os compartimentos retangulares intermurais e permitiria a sua abertura e fecho se, como parece lógico pensar pela sua configuração e profundidade, estes se tratassem de espaços destinados a enterramentos (Figura 4). Foi parcialmente escavado um destes espaços intermurais, já previamente afetado no processo de aterro desta área durante a construção do Presídio. Efetuou-se uma micro-sondagem de 60*55 cm, atingindo uma cota de 2.79 m a.n.m, documentando-se um estrato bastante homogéneo de terra limosa, de cor castanha-esverdeada, com um relevante número de remanescentes ósseos humanos desarticulados, demonstrativos de vários estágios de desenvolvimento do tecido ósseo, indicando pertencer a múltiplos indivíduos de idade adulta e não adulta. A desarticulação dos remanescentes sugere que se tratam de deposições secundárias, ou até mesmo terciárias, exemplificando a complexidade e uso recorrente do espaço. Também foram recuperados alguns fragmentos ou lascas dispersas de madeira, pequenas tachas em liga de cobre e em ferro e alguns alfinetes, associados sem dúvida aos caixões e inventário utilizados nas deposições funerárias, mas que, dada a sua elevadíssima fragmentação, reforça a ideia de uma incorporação externa de terras ou uma remoção muito acentuada dos níveis inferiores das áreas de enterramento.

A estratigrafia da S.9, situada imediatamente a poente da ermida, encontra-se profundamente alterada pelas obras de construção e instalação de diferentes tipos de infraestruturas ao longo dos séculos XX e XXI, principalmente uma galeria em betão com abobada em berço ligeiramente apontada, provavelmente desenhada para canalizar a linha de água da ribeira da Enxurrada (Figura 5). Estas obras afetaram significativamente os níveis arqueológicos pré-existent, tendo sido possível, não obstante, identificar parte das fundações do muro que delimitava pelo sul a ermida de Nossa Senhora da Saúde, alguns (escassos) depósitos de remanescentes biológicos humanos desarticulados e alguns materiais cerâmicos inconexos, fruto dos aterros nesta zona do Presídio.

Relativamente aos remanescentes biológicos humanos recuperados, estes foram encontrados sobretudo na sondagem S.3. Todos os elementos ósseos estavam em desarticulação, resultado de perturbações pós-deposicionais na sequência das alterações verificadas no contexto. As deposições poderão ser secundárias, não devendo ser excluída a possibilidade de serem resultados de deposições terciárias – *i.e.*, o nível de desarticulação resulta de vários momentos de exumações e deposição. O grau de mistura dos elementos, o tipo de elemento ósseo recuperado, especificamente ossos associados às articulações lábeis (por exemplo ossos da mão e pés), e a natureza e grau das alterações tafonómicas observadas sustentam estas hipóteses. No entanto, tratando-se de uma apreciação preliminar do contexto e dos elementos recuperados, a interpretação exige prudência. Até ao momento foram identificadas um mínimo de 1889 peças ósseas, das várias regiões anatómicas (*e. g.*, crânio, tórax, membros superiores e inferiores). Destaca-se o facto de muitos elementos ósseos estarem ainda em desenvolvimento, associando-se a indivíduos ainda em fase de crescimento. Foi possível estimar uma amplitude significativa de idades à morte. Foram encontrados remanescentes humanos de recém-nascidos, de crianças com 2, 5, 12 anos de idade, indivíduos com mais de 17/18 anos, a par de remanescentes de indivíduos adultos com idades acima dos 35 anos. A estimativa da idade dos adultos jovens teve como base a análise dos elementos de maturação tardia, como a fusão de epífise medial da clavícula ou a presença das epífises anulares dos corpos vertebrais. A diferenciação entre os elementos ósseos de infantes e crianças foi estimada com base no desenvolvimento e estágio de maturação do tecido ósseo e dentário (Buikstra & Ubelaker, 1994; Schaefer *et alii*, 2009; White, Black & Folkens, 2012). Nenhum dos remanescentes analisados até ao momento demonstra evidências de alterações de natureza patológica relacionadas com patologias de natureza infecciosa. No entanto, a ausência de alterações ósseas de natureza patológica não exclui a presença de doença em vida, pois muitas doenças requerem tempo até se manifestarem no tecido ósseo, como é o caso das patologias infecciosas (Buikstra, 2019). A ausência de alterações de natureza patológica contrasta com a abundante presença de alterações tafonómicas. A par das quebras nos ossos, resultantes do processo de perturbação pós-deposicional, muitos dos elementos ósseos apresentam alterações de cor

devido ao contacto com cobre e ferro (Figura 6). A tipologia destas alterações, associadas aos estágios de maturação de alguns elementos ósseos irão permitir a associação de diferentes elementos como pertencentes a um mesmo indivíduo. Esta abordagem de re-associação de vários elementos ósseos contribuirá para uma melhor compreensão do contexto, de eventos associados à desarticulação dos elementos ósseos, e do perfil biológico dos indivíduos cujos remanescentes foram recuperados.

A sondagem S.2 e seu alargamento, S.8, situam-se entre o jardim e a fachada do Edifício #4A. Nestas sondagens foi documentado, na área meridional, um possante muro bem aparelhado com orientação aproximada E-O, ao que se adossa ortogonalmente um outro muro de características semelhantes, em direção N. Ambos muros apresentam cerca de um metro de largura e a altura máxima conservada é de cerca de 85 cm. São formados por blocos de calcário e calcarenitos de cor amarela/castanha clara e argamassa de cal, utilizada também na camada de reboço parcialmente conservada na face sul do muro E-O (Figura 7.2). A base deste muro apoia diretamente sobre o substrato arenoso da zona, documentando-se um ténue nível de carvões, provavelmente relacionado com os processos de escavação e construção dos muros. Aproximadamente a partir dos 3.60 m a.n.m. não foram detetados níveis de ocupação antrópica, mas sim sucessivas camadas alternantes de areias e siltes-argilosas (castanhas / verdosas). Tanto no exterior da estrutura (a sul do muro E-O) como a poente e nascente do muro em sentido N-S, foram documentados diferentes solos ou pavimentos argamassados, alternando com níveis de aterro normalmente de textura arenosa-limosa e cores castanhas. Estes apresentam material cerâmico variado (cerâmica comum, faiança, cerâmica de construção), vidros, fragmentos de cachimbo, alguns elementos ósseos faunísticos, diferentes objetos em ferro (sobretudo variantes tipológicas de cavilhas e pregos), remetendo para uma cronologia geral no século XVIII. A estrutura ortogonal formada pelos dois muros registados na S.2 parece corresponder ao canto SE do bloco de edifícios construídos a sul e a nascente da ermida; por sua vez, o muro em direção Norte, com mais de 9 metros de comprimento, faria parte das fundações do alçado oriental deste edificado (Figura 2.1). Este muro sobrepõe-se na zona norte da sondagem a um outro, de características semelhantes (ainda que as argamassas empregadas sejam diferentes e apresente

uma menor largura) e que conforma o possível ângulo SE de um edifício pré-existente, não documentado previamente, que é amortizado aquando da construção do edificado registado nesta área nas plantas de 1793 e 1821 (Figura 7.3). A presença do muro N-S origina nesta área um estreito corredor – ou beco –, tendo o espaço a nascente sido ocupado por um comprido edifício de planta similar ao atual Edifício #4A do Presídio (Figura 1.3). De facto, é provável que este edifício contemporâneo reaproveite a planta (ou inclusive parte do próprio volume) do edifício prévio de época moderna, sendo assim o único caso de continuidade do edificado aquando a construção do Presídio que, por norma, desmontou todas as estruturas precedentes quase até a cota térrea. O final deste beco seria o próprio muro meridional do forte, documentado na sondagem S.6/6A.

Por último, indicar que as sondagens S.4 e S.5, localizadas respetivamente no tardoz e junto à entrada oeste do “edifício das celas”, foram efetuadas preventivamente a uma futura reabilitação deste edifício, no âmbito do protocolo com a Câmara Municipal de Almada. Na S.4, após a remoção de duas camadas de nivelamento do terreno, foram documentados os vestígios do que corresponderia às instalações sanitárias e o parlatório anexos a sul do edifício prisional, tal como aparece nas plantas do Presídio de 1910 e 1933. Na S.5, pese à profunda afetação do terreno pela presença de numerosas e sucessivas valas para infraestruturas contemporâneas, foi possível definir um muro com orientação NO-SE, cujas características construtivas e dimensões (*ca.* 1 m de largura) parecem relacioná-lo com as estruturas arquitetónicas de época moderna documentadas nas sondagens S.2/S.8, S.7 e S.9. Estes dados permitem-nos supor que se trata de parte do muro ocidental do edifício identificado como «prisões» na planta do recinto de 1857(?), que apresenta um alpendre na sua fachada norte, aberta ao pátio do lazareto.

5. CONCLUSÕES

As sondagens de diagnóstico arqueológico efetuadas durante o primeiro semestre do ano 2022 em diferentes pontos do antigo Presídio da Trafaria revelaram um interessante património histórico-arqueológico relativamente bem preservado. A sua localização permitiu conciliar as áreas de afetação da proposta inicial do Projeto de infraestruturas e arquitetura para o futuro equipamento e a evolução

histórica do espaço. Os resultados obtidos foram de grande relevância para compreender as diferentes fases de ocupação deste espaço. As vastas obras de terraplanagem, nivelamento e reaproveitamento de materiais construtivos para a edificação do estabelecimento prisional contemporâneo afetaram profundamente as construções prévias, mas, ao mesmo tempo, preservaram os alicerces e fundações dos edifícios que conformavam o complexo assistencial, prisional e militar de época moderna. A leitura da sua evolução, da integração arquitetónica do edificado e da cultura material recuperada permitem, assim, uma aproximação a um espaço necessário para o quotidiano da região de Lisboa, mas ao mesmo tempo esquecido e repudiado pela sua própria funcionalidade de lazareto e prisão. Neste trabalho apresentaram-se apenas aspetos mais destacados da intervenção arqueológica, integrando os resultados na história do local e a sua preservação com o projeto de recuperação e valorização de um imóvel emblemático no território de Almada. A continuidade da investigação trará, seguramente, novos dados para a interpretação deste espaço.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Laurinda (2018) – Epidemics, quarantine, and state control in Portugal, 1750–1805. In CHIRCOP, John; MARTÍNEZ, Francisco Javier, eds. – *Mediterranean Quarantines, 1750–1914. Space, identity, and power*. Manchester: Manchester University Press, pp. 232–255.

ALBERTO, Edite Martins; SERAFIM, Paula (2021) – The city of Lisbon and the fight against epidemics. In ALBERTO, Edite Martins; BANHA da SILVA, Rodrigo; TEIXEIRA, André, eds. – *All Saints Royal Hospital: Lisbon and Public Health*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Santa Casa da Misericórdia, pp. 615–625.

BUIKSTRA, Jane, coord. (2019) – *Ortner's identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Londres: Academic Press.

BUIKSTRA, Jane; UBELAKER, Douglas, eds. (1994) – *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Arkansas: Arkansas Archeological Survey.

COELHO, Joana Candeias (2020) – *Um lugar extremo do Tejo: projeto de reabilitação do Forte da Trafaria para um Centro de Artes e Tecnologia*. Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. (Policopiado).

FREITAS, Catarina, coord. (2011) – *Estudos de caracterização do território municipal. Caderno 2 – Sistema ambiental (Revisão PDM)*. Almada: C. M. Almada.

HOLLANDA, Francisco de (1571) – *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa: Da sciencia do desenho*. Editado por VASCONCELLOS, Joaquim de (1879). Porto: Imprensa Portuguesa.

LEAL, Carlos (2014) – *OuTrafaria*. Almada: CAA / Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1899) – *Elementos para a historia do município de Lisboa*. Tomo 10. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Typographia universal.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1901) – *Elementos para a historia do município de Lisboa*. Tomo 11. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Typographia universal.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1908) – *Elementos para a historia do município de Lisboa*. Tomo 16. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Typographia universal.

PAIS, J.; MONIZ, C.; CABRAL, J.; CARDOSO, J. L.; LEGOINHA, P.; MACHADO, S.; MORAIS, M. A.; LOURENÇO, C.; RIBEIRO, M. L.; HENRIQUES, P.; FALÉ, P. (2006) – *Notícia Explicativa da Folha 34 – D, Lisboa*. Carta Geológica de Portugal, na escala 1/50 000. Lisboa: INETI.

REIS, Paulo; ROUPA, Carlos; CRUZ, M.^a Fernanda (2013) – O Estado do Hospital da Trafaria e descrição de uma esquadra russa na Trafaria, em 1780. *Almada na história: Boletim de Fontes Documentais*. Almada. 23-24, pp. 17-21.

SANTOS, Cristina Andreia (2014) – *Fortificações da foz do Tejo*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. (Policopiado).

SCHAEFER, Maureen; BLACK, Sue; SCHEUER, Louise (2009) – *Juvenile Osteology: Laboratory Field Manual*. London: Academic Press.

WHITE, Tim; BLACK, Michael; FOLKENS, Pieter (2012) – *Human Osteology*. Amsterdam: Academic Press.



Figura 1 – 1) localização do Presídio da Trafaria na desembocadura do Tejo, excerto da Carta Militar – Folha 431 (Lisboa); 2) ortofotografia do recinto prisional (Imagem: SNIG, escala 1:2000); 3) levantamento topográfico (C. M. Almada, Divisão de Projetos), com localização das sondagens efetuadas e nomenclatura dos espaços referida no presente artigo.



Figura 2 – 1) Planta do Lazareto da Trafaria / levantada em Janeiro de 1821 pelo Brigadeiro Graduado do Real Corpo d'Engenheiros Pedro Folque (GEAEM / DIE: 2096-2-17-24); 2) alçado e planta do Forte da Trafaria [Folque, 1821?] (GEAEM / DIE: 2673-2-23A-33); 3) Margem sul do Tejo (Trafaria). ca. 1908-1909; indicada no círculo amarelo, a ermida de Nª Sª da Saúde; [1] e [2] Edifícios #4A e #4-sul do Presídio, já construídos; [3] pavilhão das Galeotas Reais; [4] provável muro original do forte (entrada SO), parcialmente desmontado; [5] armazém (?), provável localização do cemitério associado ao lazareto (Imagem: Museu da Marinha: PT/MM/MM:CF/014-008/01602).



Figura 3 – Sondagens efetuadas no espaço interior do Forte de época moderna; 1) S.1, vista de Norte; 2) S.7, vista de NO, grande maciço de calcarenito intencionalmente recortado; adossado, muro de fundação de um dos edifícios do forte; 3) e 4) muro do forte, desmontado nos inícios do século XX, localizado nas S.6/6A (alçado interior) y S.11 (vista superior).



Figura 4 – Sondagem 3, vista de oeste; em primeiro plano, enrocamento da fachada; segundo plano, pavimento argamassado com negativos das lajes; ao fundo, espaços compartimentados mediante muretes de tijolo.



Figura 5 – Sondagem 9, vista de SO. esq.) é visível a base do muro do edifício encostado a sul da ermida, cortado pela vala para a instalação da galeria; dta.) boca da galeria na praia fluvial, canto exterior NO do Presídio.



Figura 6 – esq.) vertebrae torácicas ilustrativas das várias fases de desenvolvimento, utilizadas na estimativa da idade à morte; dta.) exemplos de alterações de natureza tafonómica: [a] fragmento de crânio de juvenil, [b₁] falange proximal de 1º metatársico e [d] metacárpico e falange distal de metacárpico de juvenis com marcas de contacto com cobre; [b₂] extremidade de costela com coloração preta, devido ao contacto com magnésio; [c] fragmento de diáfise, com coloração avermelhada por contacto com ferro (Fotos: Lydia Narramore, 2023).



Figura 7 – 1) S.10, vista de S; no canto NO, vala para conduta de água e arranque de raiz de *Ficus sp.*; alinhamento de pequenos blocos de calcarenito amarelo junto ao corte norte da sondagem, possível base de estrutura tipo cabana (?); 2) S.2, vista de nordeste; fundações do muro posterior do quarteirão principal do lazareto; 3) S.8, vista de NE; cunhal posteriormente aproveitado como baseamento para o muro N-S, alicerces dos edifícios construídos no século XVIII; 4) início dos trabalhos na S.9, com parte da equipa de arqueologia da NOVA FCSH que interveio no local.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UL
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**